



Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

CENTRO DE ARTES E HUMANIDADES E LETRAS

CURSO GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

RENATA ALMEIDA DE MELO SIQUEIRA

MEMÓRIA EM DETALHES ARQUITETÔNICOS

Conservação e Memória do Edifício histórico da Antiga Escola Normal
de Feira de Santana-BA

Cachoeira-BA

2018

RENATA ALMEIDA DE MELO SIQUEIRA



MEMÓRIA EM DETALHES ARQUITETÔNICOS

Conservação e Memória do Edifício Histórico da Antiga Escola Normal
de Feira de Santana-BA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Museologia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Orientadora: Prof.Ms Viviane Santos

Cachoeira-BA

2018

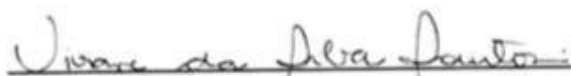
RENATA ALMEIDA DE MELO SIQUEIRA

MEMÓRIA EM DETALHES ARQUITETÔNICOS:
CONSERVAÇÃO E MEMÓRIA DO EDIFÍCIO HISTÓRICO DA
ANTIGA ESCOLA NORMAL DE FEIRA DE SANTANA-BA

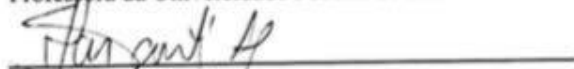
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Graduação em Museologia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovado em 8 de março de 2018.


BANCA EXAMINADORA


Viviane da Silva Santos

Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia


Sabrina Mara Sant'Anna

Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia


Ritta Maria Mota

Bacharel em História pela UNIJORGE - Centro Universitário Jorge Amado
Técnica em Restauração da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

AGRADECIMENTOS

A partir deste momento me sinto com o “dever cumprido”, esta frase usada por muitos nunca fez tanto sentido neste momento de minha vida .Dever este, que meus queridos familiares puderam ver de perto meus esforços durante todos esses anos, esforços estes, que não causariam efeito algum sem a ajuda de todos que estiveram do meu lado nesta batalha, agradeço pois, aos meus queridos pais, Luiz Antônio e Neide Melo que não me deixaram faltar incentivo desde o meu nascimento e meus irmãos Carlos Vinicius, Ana Paula e Ana Patrícia pelo apoio nos dias de dificuldade para conquistar um espaço na universidade, ao meu Esposo e amigo Odenor Siqueira que muitas vezes precisou estudar comigo para provas e seminários mesmo sem estar na universidade, que durante todos esses anos me levava para pegar o transporte e até mesmo a cidade de Cachoeira. A minha cunhada Kelly que positividade me fez acreditar no que para mim seria impossível, estudar na UFRB.A todos os meus familiares, muito obrigada.

Sem dúvida não seria capaz de tal conquista sem meus professores de todo esse tempo, Rita Dórea, Arquimedes, Luidy ,Ana Paula Pacheco, Fabiana Comerlato, Rita Salvador, Ricardo Brugger, Patrícia, Suzane Pepe, Carlos Costa, Sabrina Santana e a minha orientadora Viviane Santos, obrigada por todo o conteúdo que me foi passado durante esse período.

Agradeço a todos que me ajudaram de forma direta e indireta nesse processo de conhecimento, ao Museólogo Cristiano Cardoso por contribuir para que este trabalho fosse desenvolvido com todas as informações necessárias. E por fim a Deus que em sua infinita graça me permitiu traçar este caminho, enfrentar medos me dando força e sabedoria para lutar.

SIQUEIRA, Renata Almeida de Melo. **Memória em detalhes arquitetônicos**
Conservação e Memória do Edifício histórico da Antiga Escola Normal de
Feira de Santana-BA. 2018 75F. Monografia (Graduação em Museologia) Centro
de Artes, Humanidades e Letras. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia,
Cachoeira 2018

RESUMO

Este trabalho, resultado de pesquisas realizadas durante o Curso de Museologia da UFRB, relata a importância do complexo arquitetônico que abriga o museu regional de arte de Feira de Santana-BA, a antiga Escola normal, com uma análise empírica sobre os elementos decorativos da fachada e seu estado de conservação. Neste trabalho foi necessário a utilização de fotografias para melhor entendimento dos detalhes arquitetônicos, com citações de teóricos e comentários no decorrer de seus três capítulos.

PALAVRAS – CHAVE: Conservação, Memória, Arquitetura e Patrimônio

SETHI, Renata Almeida de Melo. **Memory in architectural details and historic Building Conservation the Memory of the former Normal School of Feira de Santana-BA.** 2018 75F. Monograph (studies in Museology)-Center for the arts, humanities and letters. Federal University of Recôncavo of Bahia, waterfall 2018

ABSTRACT

This work, a result of research conducted during the course of the Museology UFRB, relates the importance of architectural complex which houses the regional Museum of art of Feira de Santana-BA, the old normal School, with an empirical analysis on the decorative elements of the façade and your condition. In this work it was necessary to use photographs for better understanding of architectural details, with theoretical quotes and comments in the course of its three chapters.

Keywords: conservation, memory, architecture and heritageda

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Antiga escola normal e estudantes.....	12
Figura 2- Antiga escola normal.....	16
Figura 3- Fachada atual.....	16
Figura 4- Praça da matriz.....	17
Figura 5- Planta baixa.....	25
Figura 6- Planta baixa escola normal.....	26
Figura 7- Pilar.....	27
Figura 8- Pavilhão esquerdo.....	28
Figura 9- Pluxograma.....	37
Figura 10- Tapumes de proteção.....	38
Figura 11- Fissuras nas paredes.....	39
Figura 12- Microorganismos na fachada.....	40
Figura 13- Desgaste estrutural.....	41
Figura 14- Janelas da fachada.....	42
Figura 15- Foto aproximada da janela.....	43
Figura 16- Novo ângulo da janela.....	44

Figura 17- Reforma 2013.....	45
Figura 18- Reposição das argamassas.....	46
Figura 19- Janela deteriorada.....	47
Figura 20- Pavilhão Dr. Pedreira.....	48
Figura 21- Gradil do porão.....	49
Figura 22- Grades de ventilação.....	50
Figura 23- Portão lateral.....	51
Figura 24- Guarda corpo.....	52
Figura 25- Aplique de decoração.....	53
Figura 26- Pináculo.....	54
Figura 27- Adorno das janelas.....	55
Figura 28- Aplique de madeira na porta.....	56
Figura 29- Estátua decorativa	57
Figura 30- Adorno na parte superior da fachada.....	58
Figura 31- Guarda corpo.....	59
Figura 32- Vitrais no interior da edificação.....	60

LISTA DE ABREVIATURAS

IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MRA- Museu Regional de Arte

CUCA- Centro Universitário de Cultura e Arte

IPAC- Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia

GEPRO- Gerência de Projetos

UEFS- Universidade Estadual de Feira de Santana

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 .DE GRUPO ESCOLAR A MUSEU DE ARTE.....	12
1.1 MUDANÇA NAS ATIVIDADES DO PRÉDIO	16
1.2 ENTORNO DA FACHADA DO MUSEU REGIONAL.....	19
2.REGISTRO E MEMÓRIA NOS DETALHES ARQUITETÔNICOS	21
2.1. VISITANDO O PATRIMÔNIO	22
2.2 IMPORTÂNCIA DA ESTRUTURA.....	27
2.3 TOMBAMENTOS EM FEIRA DE SANTANA.....	28
3. ARQUITETURA E CONSERVAÇÃO.....	31
3.1. CONSERVAÇÃO DA FACHADA.....	33
3.2. CONDIÇÕES FÍSICAS DA FACHADA.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
ANEXOS.....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62
FONTES IMPRESSAS.....	64

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a fachada do prédio que abriga o museu Regional de Arte de Feira de Santana (MRA) pontuando a conservação de seus elementos arquitetônicos. Edificação esta, que foi construída para abrigar a escola Fundamental J. J. Seabra (1916), localizado na rua Conselheiro Franco nº 66. Com este trabalho foi possível analisar não somente sobe uma perspectiva Museológica, como também, conhecer um pouco mais sobre a cidade onde nasci e sobre o lugar onde passei minha infância. É possível recordar o primeiro contato com uma instituição de arte, época em que não entendia nada sobre arquitetura ou sobre patrimônio cultural, nada sobre arte. Apenas sentia que fazia parte daquele lugar, portanto não posso contar o meu passado sem recordar desta edificação rodeada de detalhes que desconhecia.

O ponto principal deste trabalho é falar sobre a conservação dos elementos arquitetônicos da fachada. É pertinente a pergunta: Por que a escolha deste tema? Se tratando hoje de uma instituição Museológica e gerido por um profissional da museologia, juntamente com a Universidade Estadual de Feira de Santana(UEFS), baseado em todos esses anos na UFRB, ouvindo falar sobre patrimônio, sobre arquitetura e sobre conservação, sem deixar de lado as minhas recordações da instituição em questão, além da situação de degradação de outros edifícios históricos da cidade de Feira de Santana- BA, não podia deixar de falar sobre os elementos arquitetônicos desta edificação. Este trabalho propõe, explanar ideias e conceitos de conservação, colocando a “memória” como, motivação para conservação. O assunto a ser abordado no decorrer deste trabalho é de extrema relevância para iniciar novos estudos sobre o assunto, uma sociedade precisa da relação com o passado, por motivos diversos que busca no decorrer das descobertas da vida. Acredito que o olhar da sociedade para edificações como esta, possa, não somente, apreciar a beleza de sua estrutura, como também, buscar sua história.

Esta monografia é dividida em três capítulos:

1º- Contextualiza o processo histórico pelo qual a edificação passou para então se tornar museu, que inicialmente era escola fundamental e logo normal.

2º- Aborda-se sobre a memória nos detalhes arquitetônicos, e o que de fato o complexo arquitetônico pode contribuir para a memória de uma sociedade, usando como base para pesquisa aportes teóricos, e fontes impressas como jornais da época, conversas com o então gestor e Museólogo do museu Cristiano Cardoso, neste último também foi possível comentar sobre a reforma realizada em 2012 a 2014, com o apoio das informações do Museólogo Cristiano Cardoso.

3º-baseia-se em processos históricos pelo qual a edificação foi “palco”, salientando a relação de arquitetura e memória com ênfase nos processos de conservação que a edificação foi submetida, para então, discorrer sobre a defesa de se tratar de uma fachada que retrata um contexto histórico e a evolução urbana da cidade de Feira de Santana, tendo em vista, suas condições físicas até os dias atuais.

1.DE GRUPO ESCOLAR A MUSEU DE ARTE

O prédio que atualmente abriga o Museu Regional de Arte (MRA) tem uma longa e interessante história, cuja trajetória, confunde-se com a própria história da educação em Feira de Santana-BA. Segundo o jornal Folha do Norte (1973), sua construção foi concluída em 1916, por ordem do então governador José Joaquim Seabra, para expandir o ensino primário no município. Desse modo, o prédio funcionou inicialmente com o nome de Escola Fundamental J. J. Seabra. A figura 1 retrata a saída de estudantes na instituição.



Figura 1: fotografia da antiga escola normal com alguns estudantes na calçada.

Fonte: Memória fotográfica de Feira de Santana-BA.

Em 1925 o governo do estadual decidiu levar as chamadas Escolas Normais, destinadas à formação de professores, para o interior do estado, notícia publicada no diário oficial do estado da Bahia, de 29 de janeiro de 1926, com a seguinte informação: “O governador do estado da Bahia, no uso de sua atribuição resolve localizar uma das escolas normais criadas pela lei 1846 de 14 de agosto de 1925, na cidade de Feira de Santana”(DIÁRIO OFICIAL,1926).

Logo depois, em 1927 a escola fundamental J. J. Seabra¹ foi transformada na Escola Normal de Feira de Santana-BA, tendo ainda sua identificação modificada para Escola Normal Rural, em 1935, como reflexo da Semana Ruralista, realizada naquele ano. Tal evento expressava uma das facetas da política educacional do governo Vargas, expressa sob a forma do ruralismo pedagógico, cujo principal objetivo era integrar as esferas urbana e rural da nacionalidade, particularmente pelo enaltecimento desta última, de modo que a escola deveria contribuir diretamente com a valorização e profissionalização do trabalho do campo.²

Em 1943, no contexto da 2ª Guerra Mundial, a escola foi transferida para os salões da prefeitura e o prédio passou a abrigar o alojamento do 18º Batalhão de Infantaria da 6ª Região Militar, que havia sido instalado na cidade para treinar recrutas para o conflito.

¹J.J. Seabra foi o mais expressivo político baiano até os anos 30, tendo sido governador por duas vezes, senador estadual e federal, além de ministro da viação e obras públicas. No primeiro mandato fez av. Sete de setembro e outras obras de urbanização da cidade de Salvador.

FONTE:<http://www.cartaforense.com.br/conteudo/colunas/o-polemico-j-j-seabra/9952/>
12/08/2017 19:00hs

² No final de 1934, o governo do estado da Bahia apresentou um plano para as escolas normais rurais da Bahia, criando o curso normal rural com uma parte fundamental- geral e práticas de horticultura, e o curso normal em 3 anos, FONTE: folha do Norte, 15-12-1934.

De acordo com Maria Lêda Ribeiro de Barros e Stela Borges de Almeida (2011) em seus estudos em dissertação sobre escola normal de Feira de Santana. Relata que, com o final da guerra o prédio volta a sediar a Escola Normal e o governo constrói o Ginásio Estadual de Feira de Santana, uma vez que a instituição passou a contar também com o curso ginasial. Esta ampliação de suas atividades tornou as instalações físicas da antiga escola insuficientes para o crescente do número de alunos, o que fez com que um novo prédio fosse construído para abrigar a instituição de ensino. Esse prédio foi concluído em 1956 e foi posteriormente denominado Instituto de Educação Gastão Guimarães (IEGG), para onde foram então transferidos o ginásio e a escola normal.

Com a transferência de suas atividades para o IEGG a antiga escola entra em uma fase de progressiva desocupação, um processo de mudança constante das funções e locais, Segundo Ione Celeste de Sousa (2001) ,tal período foi interrompido em 1968, quando foi criada a Faculdade de Educação, que daria origem posteriormente à Universidade Estadual de Feira de Santana UEFS.

O prédio histórico, porém, mais uma vez mostrou-se insuficiente para abrigar as atividades em expansão da Faculdade. Assim, em 1971 é adquirido um terreno para construção de um campus universitário. Em 1973 foram inauguradas as primeiras instalações de ensino, pesquisa e extensão e a Faculdade de Educação transferiu então suas atividades para o novo campus.

Com a transferência das atividades acadêmicas para o campus, o prédio da antiga Escola Normal volta a ficar desocupado, mas não por muito tempo, pois “por volta de 1978 já abrigava as atividades do Seminário de Música de Feira de Santana, uma entidade independente, criada em 1962”. (CAMPOS, 2000).

Segundo Campos (2000,p3), Neste período, contudo, a instituição encontrava-se desprovida de sede própria, por esse motivo estabeleceu-se na velha escola, onde

permaneceu desenvolvendo suas atividades até 1994, quando sua estrutura física, já bastante debilitada, exigiu a suspensão das atividades do Seminário de Música, que passou a funcionar provisoriamente no Centro de Cultura Amélio Amorim, para realização de reformas.

A Universidade Estadual de Feira de Santana decidiu pela criação do Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA), destinado a ocupar toda a área da antiga escola, com cerca de 1200 m², e do próprio prédio da Escola Normal. Este prédio foi então adaptado para receber o Museu Regional de Feira de Santana, outra “entidade independente, nascida em 1967, que tendo sido incorporada à UEFS, foi renomeado como Museu Regional de Arte, em 1995, passou a ter no CUCA a sua sede atual e, ao mesmo tempo, conferir a identidade visual do principal órgão de cultura da Universidade e da sociedade feirense, afim de abrigar as manifestações culturais da comunidade local regional promovendo e incentivando novos projetos”.(CRISTIANO,2017).

As figuras 2 e 3 representadas abaixo, ilustram a fachada quando ainda era escola Normal e hoje como Museu regional de arte.



Figura 2: Antiga escola normal e hoje museu regional.

Fonte: Gepro/ UEF



Figura 3: Foto atual da fachada.

Fonte: Jornal Grande Bahia.

1.1 ENTORNO DA FACHADA DO MUSEU REGIONAL

“Feira de Santana cidade portal do sertão baiano começa a ser conhecida como entroncamento³ desde o séc. XIX, o olhar das autoridades políticas da época é voltado para o crescimento da cidade”, relata Clovis Ramaiana (2009) em seus estudos sobre a cidade de Feira de Santana, cidade situada a meio caminho entre o sertão baiano e a capital do Estado, “a recepção das inovações tecnológicas foi acompanhada do desejo de uma parte da sua intelectualidade e dos gestores públicos de transformar a cidade em uma espécie de capital sertaneja”.(Jornal Folha do Norte ,Junho 1927). Segundo Ribeiro.(2000, p 14) “Feira de Santana se

³Entroncamento-Lugar onde se reúnem vários caminhos ou junção de linhas-férreas

caracterizava como uma crescente urbe”, a figura 4 logo abaixo, mostra a rua conselheiro franco onde está situado o MRA museu regional de arte ainda no século XIX, com seu entorno de residências e praça, evidenciando a afirmação sobre o seu crescimento.



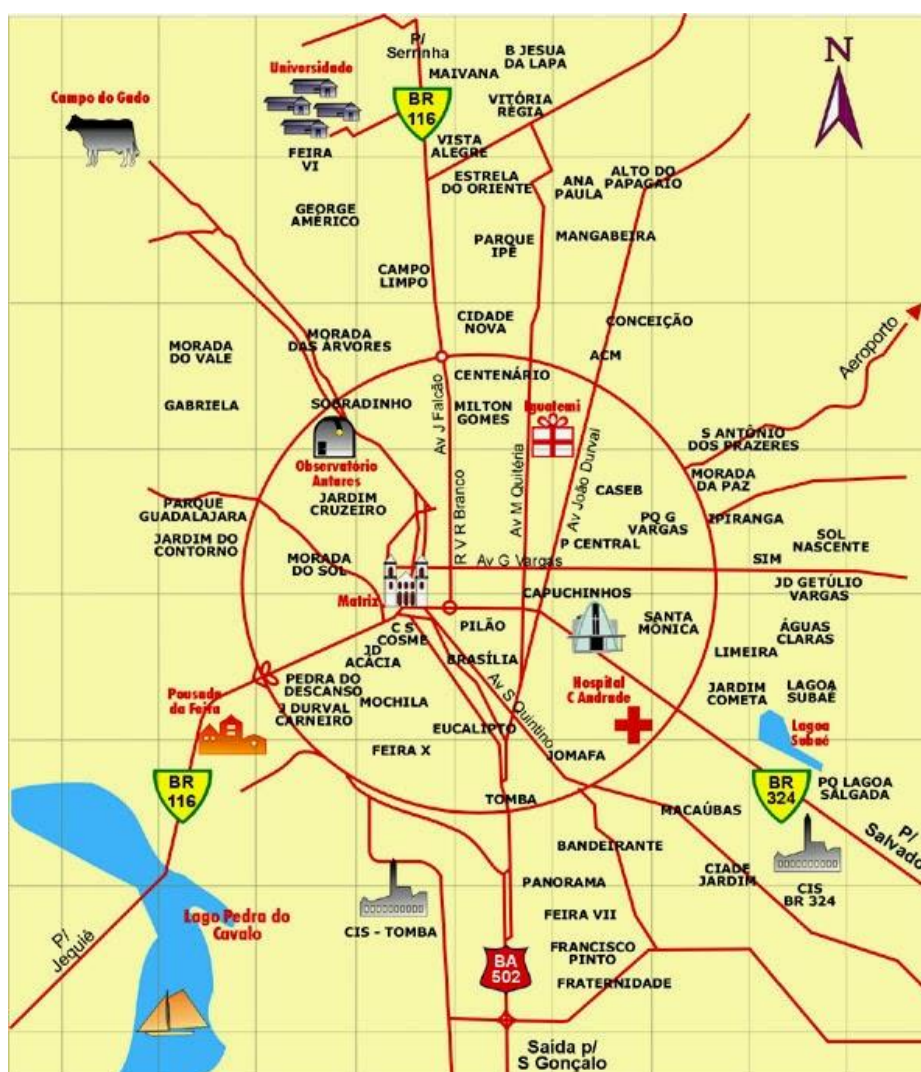
Figura 4 : Praça da matriz e da rua direita com a escola normal a esquerda da foto.Fonte: arquivo/ IPAC.

Rodeada por 14 municípios: Riachão do Jacuípe, Candéal, Tanquinho, Santa Bárbara, Santanópolis, Ipirá, Serra Preta, Coração de Maria, Conceição do Jacuípe, Amélia Rodrigues, São Gonçalo dos Campos, Antônio Cardoso, Ipecaetá e Anguera. Possui uma área de 1.363 km², sendo reconhecida como o portal do sertão por estar situada no início do agreste baiano. O solo contém: argila, caulim, areias, arenitos, granulitos e minerais. Destes elementos são explorados apenas: areia, argila e pedras para construção que também são, industrialmente transformadas em várias espécies de britas e tipos de pedra.Feira de Santana está a 324 metros acima do nível do [mar](#) tendo como referência a Igreja Senhor dos Passos. O relevo é um conjunto de tabuleiros, planaltos.

Nota-se no município a presença de algumas serras: Serra da Agulha, Cágado, Serra Grande, São José, Branco, Santa Maria e Boqueirão. Nenhuma destas

ultrapassa os 300m de altura. A vegetação está relacionada com as chuvas de outono e inverno. É constituída de matas que se transformam em cerrados, à medida que se aproxima do centro da cidade. A caatinga, de solo raso, predomina no norte e oeste. O clima da cidade é considerado tropical, úmido e semi-árido, sendo que a sua estação chuvosa vai de março a setembro, com um índice pluviométrico variando de 900 a 1.200 mm anuais. Sua temperatura média é de 26,5 °C, dados relatados pelo IBGE.

Para melhor entendimento, o mapa abaixo exemplifica a descrição feita sobre a geografia da cidade em relação ao seu entorno, é possível ver o cruzamento das BR 116, 324 e BA 502, estradas que permitem o crescimento da cidade tendo em vista, o fácil acesso de transportes de cargas e publico.



1.2 MUSEU REGIONAL DE ARTE

Primeira instituição Museológica do município, o Museu Regional de Arte de Feira de Santana (MRA) “foi fundada em 26 de março de 1967, pelo embaixador Assis Chateaubriand (1892-1968), magnata das comunicações no Brasil, que foi um dos principais responsáveis pela fundação, em 1947, do Museu de Arte de São Paulo-MASP”.(UEFS,20017).Assis Chateaubriand idealizou, duas décadas após a inauguração do MASP, a Campanha Nacional dos Museus Regionais, que tinha por objetivo dotar as diferentes regiões do país com expressivos acervos.

“Tanto os adeptos da modernização quanto os defensores da cidade tradicional acreditavam, porém, que a criação de um museu ajudaria a assegurar e fortalecer a vida cultural do município. Garantida a doação do acervo por parte de Assis Chateaubriand, e contando com o empenho do jornalista e escritor pernambucano, Odorico Tavares (1912 – 1980)”.(MALTEZ,2004,p 26).

Em resposta a essa mobilização, o Governo do Estado acionou a Fundação Museus Regionais da Bahia e, através desta, foi criada, em 20 de fevereiro de 1967. A Fundação Museu Regional de Feira de Santana (FMRFS) para administrar o futuro museu do município. Na diretoria, o jornalista João da Costa Falcão (1919 – 2011), como presidente; o poeta Eurico Alves Boaventura (1909 – 1974), como vice-presidente; o jurista e educador Fernando Pinto de Queiroz (1922 – 2010), na função de secretário; o jurista Jorge Bastos Leal, como tesoureiro; e o professor Dival da Silva Pitombo (1915 – 1989), no cargo de diretor executivo. “Ao iniciar suas atividades, o Museu Regional de Feira de Santana atendia plenamente às expectativas dos grupos que o idealizaram. Para os defensores das tradições históricas da cidade, o museu havia reunido uma vasta coleção dedicada à cultura regional, constituída por artefatos característicos da chamada “cultura do couro”, que ilustrava o dia-a-dia do homem sertanejo e remetia às origens do povo de Feira de Santana.” (UEFS, 2016).

No entanto, a designação de Museu Regional não pretendia refletir o perfil de uma instituição de arte exclusivamente da região, e sim de um museu voltado para o território de identidade no qual está inserido. “Sendo assim, os adeptos da modernização também foram contemplados com uma singular coleção de artes plásticas, na qual figuravam renomados artistas modernistas brasileiros e estrangeiros”. (FERREIRA, 2004, p 34).

Por iniciativa de Chateaubriand, “o Museu Regional tem hoje um dos mais importantes acervos do mundo”.(UEFS,2014).Sobretudo por reunir o valioso conjunto de obras assinadas por Di Cavalcanti e Vicente do Rego Monteiro, precursores do Movimento Modernista Brasileiro, que participaram ativamente da Semana de Arte Moderna de 1922; e a singular coleção de obras modernistas inglesas, única em toda a América Latina, adquirida por Assis Chateaubriand quando de sua estadia como embaixador do Brasil na Inglaterra (1957 -1960), e doadas por ele ao Governo do Estado da Bahia.Coleção Inglesa, como é conhecida, reúne 30 telas confeccionadas a óleo sobre diversos suportes, nas décadas de 1950 e 1960, por alguns dos mais consagrados artistas modernos ingleses, a exemplo de Antony Donaldson, Alan Davie, Bary Burman, Bryan Organ, Brett Whiteley David Leverret, David Oxtoby, Derek Hirst, Derek Snow, Howard Hodgkin, Graham Sutherland, Paul Wilks, Pauline Vincent, Joe Tilson, John Kiki e John Piper.

O acervo permanente do Museu Regional possui a Coleção de Arte Naïf e a Coleção Nipo-Brasileira, que também têm grande importância nos cenários artísticos nacional e internacional; obras pertencentes a renomados artistas estrangeiros naturalizados brasileiros, como Manabu Mabe, Carybé, Hansen Bahia e Reinaldo Eckenberger; telas e esculturas de consagrados artistas baianos, a exemplo de Mario Cravo, Calasans Neto, Floriano Teixeira, Carlos Bastos, Jenner Augusto, Juarez Paraíso, Presciliano Silva, Riolan Coutinho, Justino Marinho, Genaro de Carvalho, Tatti Moreno, Sergio Rabinovitz e Sante Scaldaferrri; e obras de artistas feirenses que alcançaram projeção nacional e internacional, como é o caso de Raimundo de Oliveira, Carlo Barbosa, Juraci Dórea, Graça Ramos, César Romero, Gil Mário e Antônio Brasileiro. (UEFS,2014).

Segundo o arquivo histórico do museu da UEFS (2014). “O imóvel foi doado pela Prefeitura Municipal na gestão do então prefeito Joselito Falcão de Amorim (1919), que assumiu o cargo no dia 8 de maio de 1964, empossado pela Câmara Municipal, após a deposição do prefeito Francisco Pinto, pelo Regime Militar, permanecendo no posto até abril de 1967”.

Nesse sentido a sua atual designação de museu regional não pretendia refletir o perfil de uma instituição de arte exclusivamente da região, mas sim de um museu voltado para a sua região, com referência de obras de artistas de outros lugares, além de expor obras de artistas locais, por isso, se estabelece como território de identidade Portal do Sertão. E como tal, o MRA pretende atuar como espaço de natureza Museológica e de educação informal. Por sua vinculação com a UEFS o “museu privilegia ainda o desenvolvimento de ações e atividades de extensão e pesquisa, que buscam preservar a memória e o patrimônio sociocultural representados pelo seu acervo, assim como pela relação estabelecida com o seu público e sua história”(UEFS,2014).

2.REGISTRO E MEMÓRIA NOS DETALHES ARQUITETÔNICOS

Percebemos que a memória é parte de um povo e pode ser mantida por diversas formas de comunicação, a arquitetura que abriga o museu regional de Feira de Santana, permite em suas formas, retomar as lembranças de um passado vivido por alunos da escola normal, profissionais que ali trabalharam e todos que tiveram um contato com a instituição seja de maneira direta ou indireta.

(...) a arquitetura, talvez mais que outras formas de comunicação, possui o poder de unir expressões intelectuais e intuitivas, objetivas e subjetivas, de transformar o modo de viver. (FERRAZ, 2011, p. 24).

Ferraz fala da arquitetura como uma forma de comunicação e transformação de vida, o prédio que abriga o Museu Regional de Feira de Santana em sua imagem

arquitetônica possibilita retomar ao passado, e no presente momento proporcionar as novas gerações a visão de arquitetura como abrigo de histórias.

Na citação seguinte de HALBWACHS, trata a memória coletiva com objetividade, a vivência de um grupo ou comunidade no mesmo contexto.

“Memória coletiva é o processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade. Este passado vivido é distinto da história, a qual se refere mais a fatos e eventos registrados, como dados e feitos, independentemente destes terem sido sentidos e experimentados por alguém”. (HALBWACHS, 1991,p35)

A Memória é falada em todo tempo como retomada do passado, embora nos olhares atuais esse conceito possa ser redefinido na perspectiva do hoje, ao visitar o museu a memória pode ser retomada baseada na experiência e vivência do hoje, lembrando que essa é apenas uma análise acerca da imagem impressa nos detalhes arquitetônicos da fachada do museu, mais para quem viveu uma experiência em um lugar como esse, suas lembranças são inevitáveis, sobretudo a memória do povo, quando se trata do crescimento da cidade, da evolução cultural e da arquitetura e urbanismo.

2.1. CONJUNTO ECLÉTICO

Foi realizado um trabalho de cadastro do prédio, que resultou na imagem que está na lauda seguinte. A fachada do prédio possui o nome da Escola Normal, elementos decorativos de estilo eclético, escada de acesso, colunas⁴ com cornijas⁵ e frisos expostas e pintadas em cor branca, janelas e portas em madeira pintadas em

⁴ COLUNAS – elemento estrutural de sustentação

⁵ CORNIJA-beiral decorativo da coluna segundo o dicionário da construção da revista casa e construção

branco, cúpula⁶ com lanterna, pináculos⁷ nas extremidades, balaústres⁸ em toda a parte superior e ao redor da cúpula, adan, (luneta ou bandeira)⁹ acima das portas e janelas utilizadas na arquitetura para iluminar a área interna da edificação, janelas escotilhas¹⁰ abaixo da cúpula com gradil em ferro pintado em branco e adornos em alvenaria com elementos florais ,além de grades de ventilação do porão. Dividido blocos, laterais e central com cores harmoniosas a edificação fica em destaque de beleza em relação a seu entorno, marcado nos dias de hoje com edificações comerciais que dispensam estética de estilo eclético, lojas de vários seguimentos, fluxo de carros de pequeno e grande porte e um grande número de motocicletas circulando, resultado do crescimento do comércio da cidade.

Ilustração da Fachada do prédio.



⁶ CÚPULA – parte superior interna e externa da construção localizada na maioria das vezes no centro das construções antigas

⁷ PINÁCULO- elementos decorativos com pontas

⁸ BALAUSTRÉ- pequena coluna alinhada lado a lado que sustenta corrimãos

⁹ BANDEIRA- parte superior das portas com vitrais para iluminação interna

¹⁰ JANELA ESCOTILHA- janelas redondas com vidro ou gradil de ferro /Dicionário da construção 2000

- | | | |
|------------|------------|--------------------|
| ● Colunas | ● Placas | ● Balaustre |
| ● Cornijas | ● Pináculo | ● Janelas |
| ● Cúpula | ● Bandeira | ● Janela escotilha |

O estilo eclético da edificação da antiga escola normal de Feira de Santana e de outras construções importantes no séc. XIX no Brasil, foram marcadas pelo surgimento dos porões, gerando privacidade e verticalidade a edificação. Elementos arquitetônicos aparecem, como: platibanda, arco, bandeira e pináculos. A utilização de cores claras, tons pastel. Neste período surge a infraestrutura trazendo rede de água, esgoto, iluminação e transporte coletivo.

Utiliza a esquina chanfrada, conservação do alinhamento da via através das edificações, utilizam o recuo lateral como entrada da edificação.

O séc. XX no país foi marcado por construções dos portos, das ferrovias as instalações das primeiras indústrias e pelo início do ecletismo, que, no Brasil, reúne elementos dotados das linhas curvas do Barroco, paredes lisas e ornamentos com o pouco dourado do rococó e colunas e arcos romanos típicos do estilo neoclássico. Segundo Pedone (2005, p130).” O ecletismo é a mistura de estilos arquitetônicos do passado para a criação de uma nova linguagem arquitetônica”. Apesar de sempre ter existido alguma mistura de estilos durante a história da arquitetura, o termo arquitetura eclética é usado em referência aos estilos surgidos durante o século XIX que exibiam combinações de elementos que podiam vir da arquitetura clássica, medieval, renascentista, barroca e neoclássica.

“Do ponto de vista técnico, a arquitetura eclética também se aproveitou dos novos avanços da engenharia do século XIX, como a que possibilitou construções com estruturas de ferro forjado. Além do uso e mistura de estilos estéticos históricos, a arquitetura eclética de maneira geral se caracterizou pela simetria, busca de grandiosidade, rigorosa hierarquização dos espaços internos e riqueza decorativa”. (VERSIANI, 2011,p2).

As figuras 5 e 6 mostram a planta baixa que permite melhor entendimento da descrição da página 23. Em cada lado do pavilhão central existiam quatro salas formando um conjunto de oito, com exceção do salão de acesso. Ao lado direito, uma parede que separava duas salas, deve ter sido demolida.

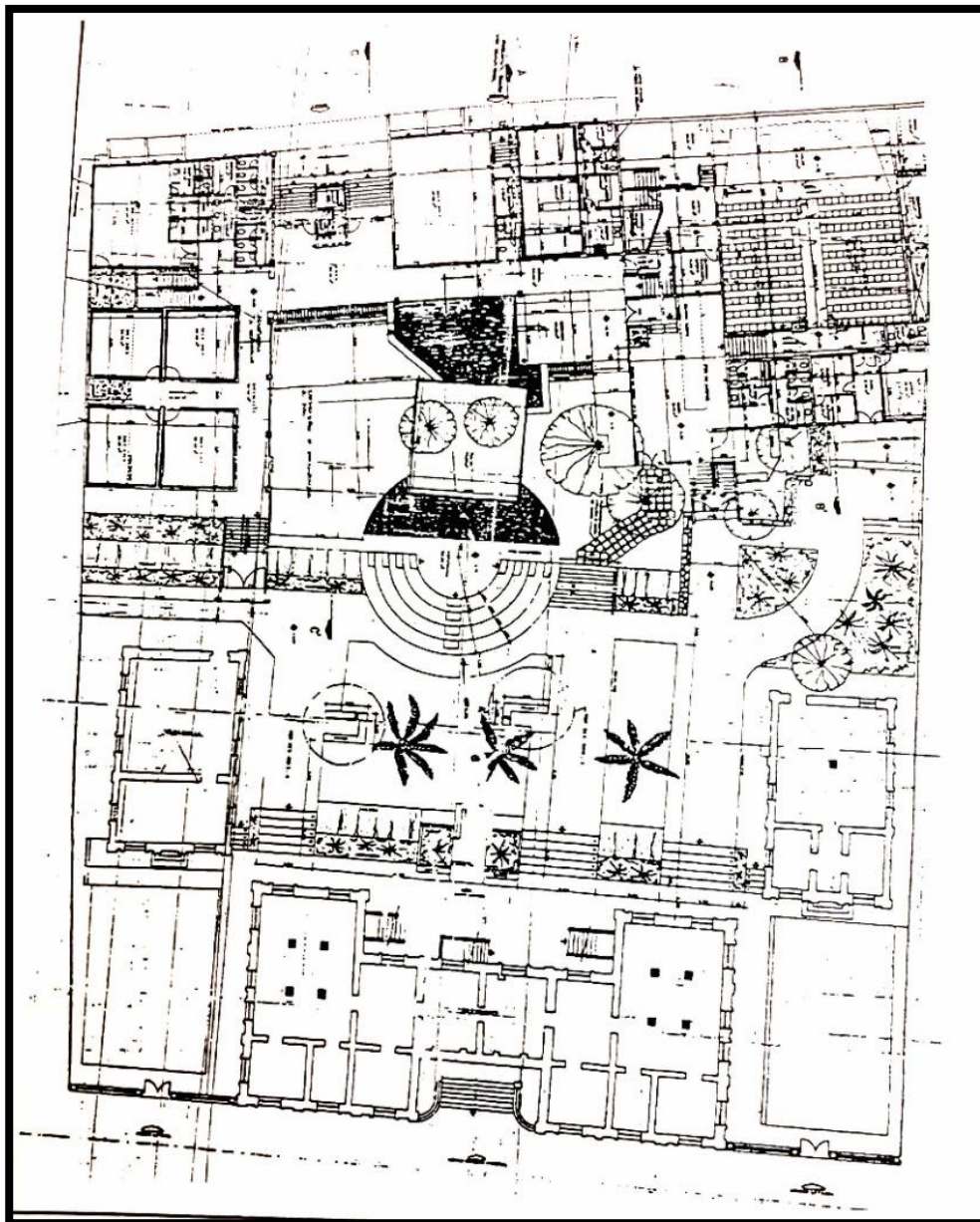


Figura 5: Planta baixa-centro universitário de cultura e arte.

Fonte: arquivo/GEPRO – UEFS

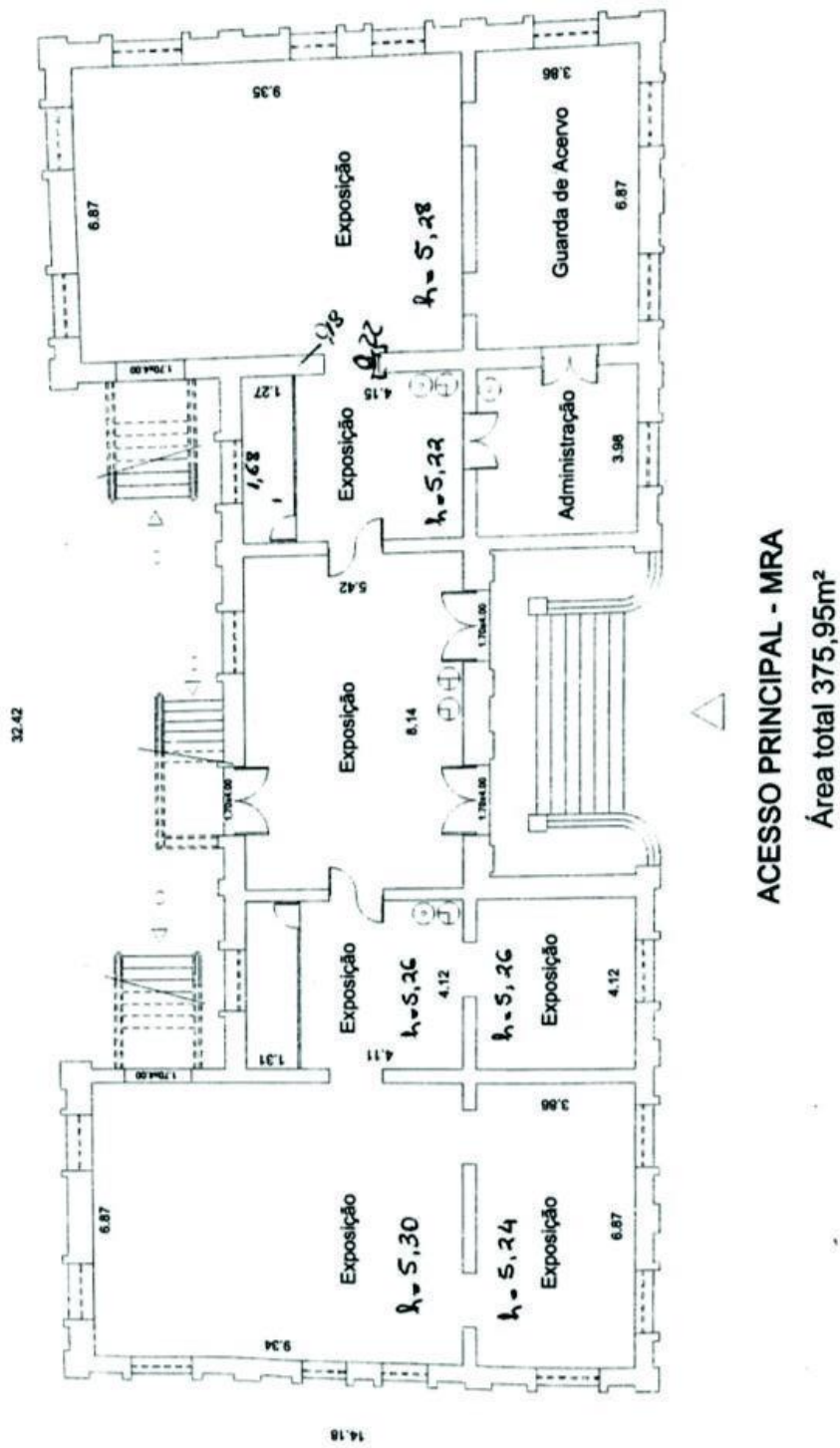


Figura 6: Planta baixa-antiga escola normal.

Fonte: arquivo/GEPRO – UEFS.

Os dois pavilhões laterais, de menor porte, se compõem de duas salas cada um. Existia apenas um único acesso na parte frontal. Todo o prédio é desenvolvido em paredes de alvenaria de pedra, de tijolos, autoportantes, reforçados por pilares de canto (Figura 7 e 8), pilastras, a destacar o capricho com que os elementos decorativos foram executados, testemunhando a erudição que os mestres de obras da época da construção alcançaram.



Figura 7: Destaque para pilar com adorno decorativo.

Foto: Odenor Siqueira

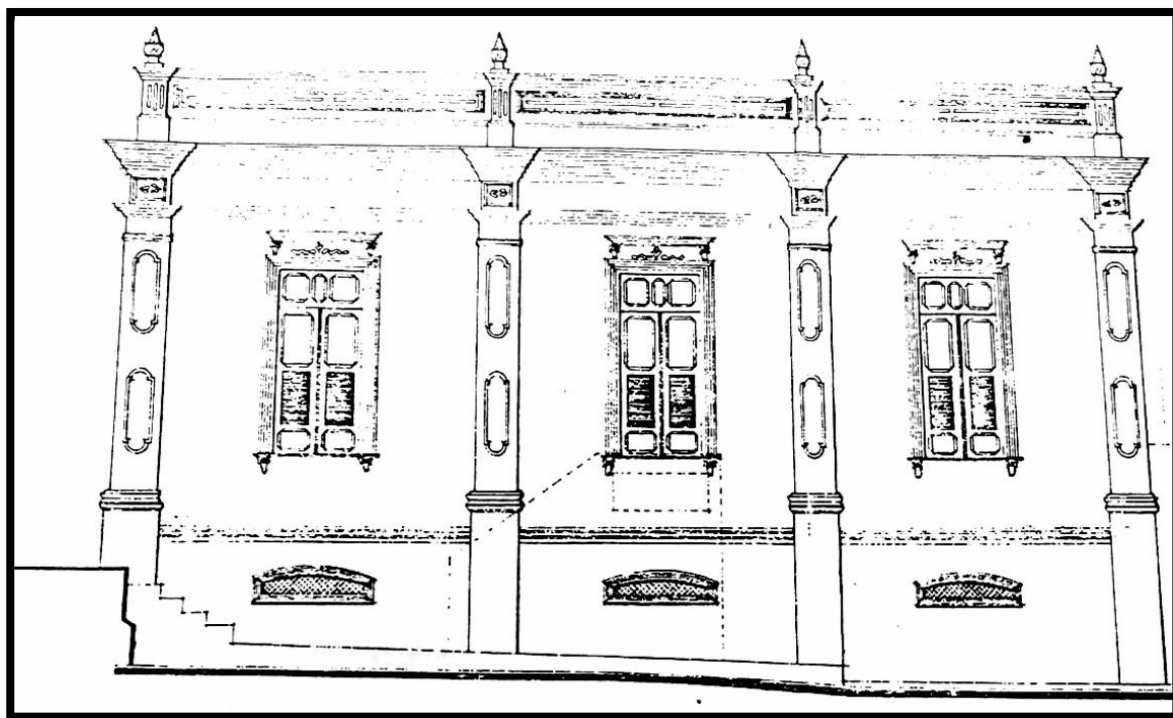


Figura 8 :Fachada noroeste – pavilhão lateral esquerdo.

Fonte: arquivo/GEPRO – UEFS

2.2 IMPORTÂNCIA DA ESTRUTURA

Estudos sobre escolas normais e formação de normalistas, como as de Louro (1997, 1997, 1994, 1981) e Reis (1992, 1994), enfatizam a importância, do aspecto físico dos edifícios, sua beleza e imponência como demarcadores de temporalidade e territórios e seus significados. Apesar de já existirem desde o início do Império, foi no período republicano inicial que as escolas normais ganharam impulso e seus prédios o caráter imponente da estética eclética, contrapondo-se ao barroco, representativo de um Brasil do passado.

A estrutura arquitetônica do prédio em torno da história da cidade e representatividade da sociedade feirense, se coloca como ponto principal para manter o espaço em pleno funcionamento. Segundo o SIPAC sistema de informação do patrimônio tombado da Bahia, o estado físico do prédio na época em que foi analisado para pedido de tombamento, era razoável, necessitando de cuidado devido à apresentação de infiltrações em vários trechos do bloco central, provavelmente devido a vegetação que existia na platibanda que contorna a abóbada.

Mesmo recebendo manutenção por parte da UEFS, seu estado de conservação era precário, necessitando limpeza dos elementos das fachadas, gradis e pintura gerais. O prédio necessitava de recursos para se manter além de profissionais capacitados para tratar da conservação preventiva do prédio.

2.3 TOMBAMENTOS EM FEIRA DE SANTANA

A trajetória urbana de Feira de Santana nos últimos anos foi marcada pela preocupação em modernizar o centro da cidade, sem que tenha existido uma política de preservação de seus elementos históricos, impiedosamente entrou em ação a frase “quem gosta de velho é museu”, a maioria das casas antigas já foram demolidas.

As poucas que restam encontram-se em estado precário de conservação. A ação implacável do tempo, aliada a prática por vândalos, ameaçam ainda mais esses prédios da cidade. “O prédio da antiga escola normal de Feira de Santana em 1994 estava prestes a ser destruído, estava em estado de deterioração.” (Cardoso, 2016) Segundo o gestor do museu, Cristiano Cardoso o empenho da universidade estadual de Feira de Santana (UEFS) junto ao governo do estado em revitalizar o prédio permitiu a população manter a memória, que diante do contexto de modernização poderia se perder facilmente das lembranças do povo feirense.

“Feira de Santana, possui apenas 16 edificações tombadas, um dos importantes debates a respeito da preservação da memória da cidade, se refere ao estado de conservação dos prédios e patrimônios materiais históricos da cidade” (TV OLHOS D’ÁGUA, 2015). Segundo o IPAC as edificações tombadas de Feira de Santana são : O prédio do grupo escolar J.J. Seabra (antiga escola normal rural), capela dos remédios, catedral de Santana, coreto da praça Bernadinho Bahia, coreto da praça da matriz, coreto da praça Fróis da Mota, filarmônica 25 de março, igreja senhor dos passos, matriz de São José de Itaporocas, paço municipal, painel do artista Lênio Braga (terminal rodoviário), prédio da escola Maria Quitéria, prédio da santa casa da misericórdia (casa do menor), prédio da vila Frois da Mota, prédio do arquivo público municipal e prédio do mercado municipal.

Carlos Brito, secretário municipal de planejamento e membro do conselho curador da fundação senhor dos passos que explanou a respeito do patrimônio histórico da cidade em entrevista ao Jornal Grande Bahia (2009) ressalta que: “os casarões históricos em Feira de Santana estão se acabando”, entretanto ele ressalta que esse não é um problema somente da cidade. Mais sim, um problema de todo país. Segundo o secretário, a manutenção desses imóveis históricos permite manter a história da cidade.

“Se você não conhece o passado não tem como prospectar o futuro, um povo sem história não tem sentido, nem representatividade, se os governantes não cuidarem desses imóveis antigos que se encontram em situação de degradação, correremos o risco de perdê-los” (CARLOS BRITO, 2009)

Assim, a memória coletiva¹¹ das cidades está em seus velhos edifícios. Eles são o testemunho mudo, porém valioso, de um passado distante.¹² Servem para

¹¹**Memória coletiva** é a memória de um grupo de pessoas, tipicamente passadas de uma geração para a seguinte, ou ainda memória compartilhada de um grupo, família, grupo religioso, étnico, classe social ou nação. (KESSEL, ZILDA, Memória e Memória Coletiva,2005,p4)

¹² MAGALHÃES, Antonio, OLIVEIRA, Clóvis F. Ramaiana. M e SILVA, Aldo José Moraes. *A história nas lentes: Feira de Santana pelo olhar do fotógrafo Antônio Magalhães*. Feira de Santana: UEFS 2009

transmitir às gerações posteriores os episódios históricos que neles tiveram lugar e também como referência urbana e arquitetônica para o nosso momento atual. Uma cidade sem seus velhos edifícios é como um homem sem memória”. (Eder Santos Carvalho,2015).

A edificação da Antiga escola Normal e hoje museu Regional foi tombada como patrimônio material: prédio do grupo escolar J.J. Seabra no livro de tombamento de bens imóveis no Território de Identidade Portal do Sertão, Feira de Santana-BA na rua Conselheiro Franco 66 na data 24 de novembro de 1994.

De acordo com o IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: O patrimônio material é o conjunto de edifícios, obras de arte, documentos, monumentos, fotos e outros objetos pertencentes a um lugar. Ou seja, são coisas que têm um valor histórico ou sentimental para os habitantes de uma região, pois se referem às origens e à forma que escolhemos para sermos lembrados, dentro da sociedade em que fazemos parte. O edifício que abriga o museu regional de Feira de Santana- BA, antiga Escola Normal, foi e continua sendo um complexo arquitetônico que pertence a história de muitos da cidade, quando era escola normal e hoje como Museu Regional e Centro de Arte e Cultura.

“De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores”.
(LE GOFF,1996, p. 535)

Segundo Le Goff na citação abaixo o que sobrevive é o sentimento de pertencimento da história que se passou em torno de motivações distintas, sendo possível com essa afirmação de Le Goff , ressaltar a importância das edificações históricas que por sua vez se tornam fonte de pesquisa para os historiadores e ainda lugares que possibilitam recordar o passado.

3. ARQUITETURA E CONSERVAÇÃO

Falar sobre arquitetura e conservação de edificações históricas, nos faz refletir sobre conceitos para então discorrer sobre as condições físicas do prédio que abriga a antiga escola Normal de Feira de Santana.

Segundo Lindomar da Silva Araujo (2007), é possível definir a arquitetura como sendo uma intervenção no meio ambiente para satisfazer uma determinada expectativa, de forma a criar novos espaços, e com a intenção de se trabalhar com elementos estéticos. Pode-se também afirmar que a arquitetura é uma forma de arte visual, que pretende criar construções em um determinado espaço. Para Lucio Costa toda a construção arquitetônica é fundada em tendências da época e contexto social entre outros aspectos técnicos.

"Podemos definir arquitetura como construção concebida com a intenção de ordenar e organizar plasticamente o espaço, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de uma determinada técnica e de um determinado programa".(LUCIO COSTA,1997).

Sobre conservação do prédio em questão, para John Ruskin (1997) citado na página seguinte, a arquitetura é fonte de memória e por isso a necessidade de conservar.

"Podemos viver sem a arquitetura de uma época, mas não podemos recordá-la sem a sua presença. Podemos saber mais da Grécia e de sua cultura pelos seus destroços do que pela poesia e pela história". (John Ruskin, 1997,p3)

"...Os prédios públicos, deveriam sempre haver um propósito histórico em sua construção" (John Ruskin,1997 p3)

Partindo da necessidade de conceituar conservação, o Manual de Conservação Preventiva para Edificações (IPHAN/Programa Monumenta,2014), diz que conservação preventiva é o conjunto de medidas que se devem tomar para prevenir o aparecimento de danos em uma edificação. Para Cassares e Marcelo Dias de Carvalho o conceito se mantém o mesmo, enfatizando manter a longevidade do bem cultural.

“É um conjunto de ações estabilizadoras que visam desacelerar o processo de degradação de documentos ou objetos, por meio de controle ambiental e de tratamentos específicos (higienização, reparos e acondicionamento)”.(CASSARES, 2000).

“Conservação, Preservação e Restauro consistem em: ações, procedimentos e estratégias com o objetivo de se criar condições de longevidade, integridade e uso de documentos e objetos para que sejam acessíveis, inclusive, para futuras gerações”. (Marcelo Dias de Carvalho, 2003).

É relevante enfatizar que os autores tratam a conservação como peça principal para uma vida longa das edificações, citam a arquitetura como peça principal para fundar uma história, tendo em vista que a conservação feita embasada em procedimentos corretos, segundo o manual de conservação para bens culturais imóveis, é o caminho a seguir para manter a vida desses edifícios. A conservação dentro da visão museológica é importante não só para conservar o passado, o velho ou antigo como muitos relatam, conservar é uma necessidade do hoje e do novo também, para que possamos no amanhã contar o passado como novo. O ato de conservar de maneira preventiva elementos arquitetônicos, ou não, nos coloca numa posição de responsáveis por gerações futuras, no âmbito da educação e da cultura, a conservação deve ser em regra uma necessidade constante das instituições.

3.1 CONSERVAÇÃO DA FACHADA

Ao abordar sobre o conceito da arquitetura e do mesmo como patrimônio no capítulo anterior, não posso deixar de falar de medidas de conservação¹³ preventiva e no que diz respeito a fachada da edificação que abriga o Museu Regional de Feira de Santana-BA. A fachada é conceituada por todas as faces de uma edificação. Podem ser: externas, onde a principal é a da frente, depois as laterais e as dos fundos; e as secundárias, que são as internas.

No artigo 1º da carta de Veneza (1964,p1) diz:

“A noção de monumento histórico compreende a criação arquitetônica isolada bem como o sítio urbano e rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Entendem-se não só as grandes criações, mas também as obras modestas, que tenham adquirido com o tempo a significação cultural.”

É provável que o prédio tenha sofrido algumas reformas no decorrer dos anos. O semanário folha do Norte, principal jornal da cidade na década de 20 do século XX, noticiou a visita do Sr. Diretor de instrução pública do estado, Anísio Spinola Teixeira, à Feira de Santana, e escreveu sobre as impressões que a viagem causou.

“... o grupo escolar J. J. Seabra ainda não está funcionando no seu palácio, que sofre reparos urgentes...”.(FOLHA DO NORTE,1925)

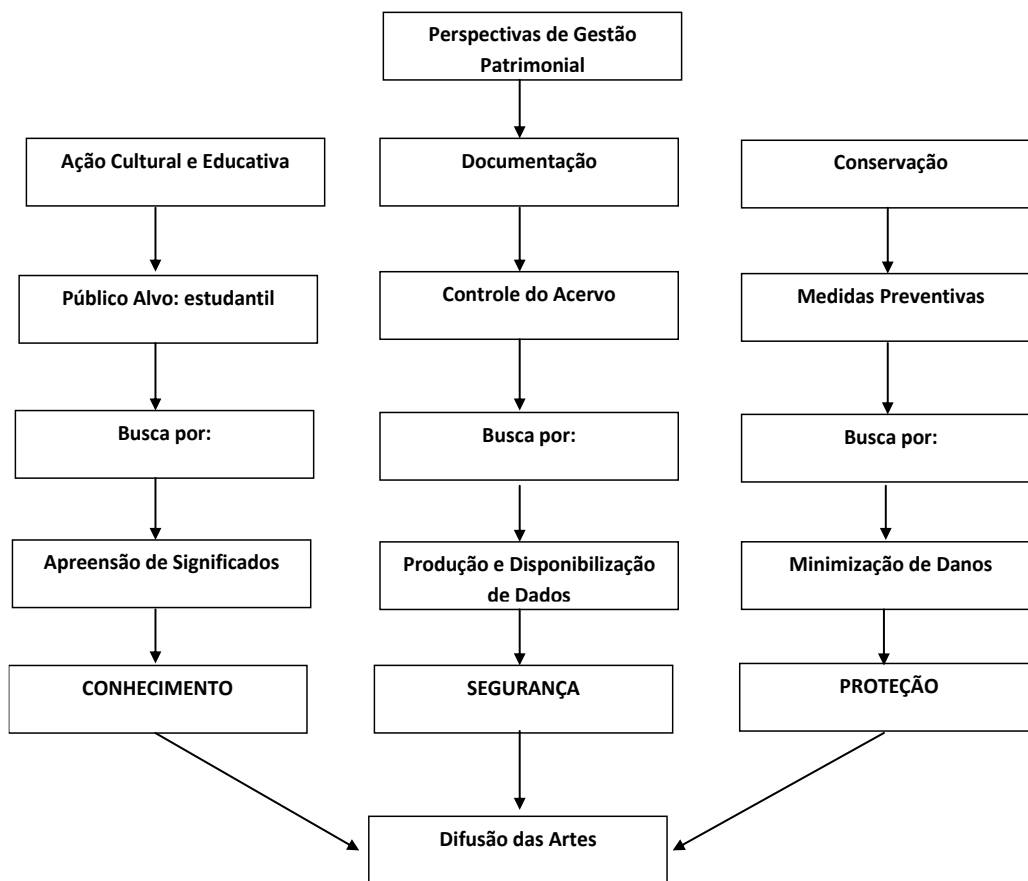
Uma das reformas foi realizada na gestão da Reitora da Universidade Estadual de Feira de Santana, Profa. Yara Cunha, 1988-1991, que foi firmado um convênio com o IPAC, que, entretanto, não dispôs de recursos para executar os serviços necessários, apenas os mais urgentes para evitar danos irreversíveis, não sendo possível inserir a este trabalho fotografias desta obra, apenas informações sobre o assunto.

Segundo Cristiano Cardoso, o projeto previa a recuperação do prédio, pavilhões central e laterais, inaugurado em 1916, e a construção, ao fundo para um centro de cultura e convenções, incluindo, teatro para 300 (trezentos) lugares, teatro de arena, lanchonete e salas apropriadas para a realização de congressos e eventos, além do funcionamento "de uma forma mais ampla", do "Seminário de Música", do Grupo de Arte e da Universidade Aberta para a Terceira Idade. No decorrer do processo de pesquisa tive acesso a fotografias da obra de restauro da edificação, e relatório setorial do ano de 2014 estando nas seguintes laudas explicando o processo de restauro.

O que motivou o projeto de restauro de 2013, com início em 2014, foi uma rachadura na cúpula, como estava correndo o risco de desabar o atendimento ao público nas dependências do Museu Regional de Arte esteve suspenso durante os anos de (2012 a 2014).

Foram articuladas consultas, diálogos abertos e setoriais que culminaram numa reunião estratégica histórica nas instalações do CUCA, com os principais representantes da universidade em seus diferentes setores (como Reitoria, UNIFRA, GEPRO, Prefeitura de Campus, antigos e atuais gestores do MRA, do CUCA, do Governo do Estado e representantes da sociedade). De acordo com o Relatório setorial (2014), do museu regional de Feira de Santana disponibilizado pelo então gestor Cristiano Cardoso, após realizarem uma visita técnica as instalações físicas do Museu, os gestores tomaram conhecimento aprofundado da situação que passava a instituição e a importância de realizar uma urgente intervenção. Deste encontro firmou-se o compromisso de elaboração de um projeto de intervenção emergencial face ao agravamento estrutural do prédio.

A reforma foi realizada pela empresa Ribeiro Mendes Construções, que ao longo de quase duas décadas tem interagido com as tecnologias de Impermeabilização, Recuperação e reforço de estruturas de concreto, argamassas de recuperação e de impermeabilização, Patologias de Fachadas, Laudos e Perícias e outras atividades correlatas.(RELATÓRIO SETORIAL,2014). A equipe gestora do museu traçou um quadro físico-estrutural do imóvel, abordando condições externas e internas antes e depois da intervenção:



Fluxograma Metodológico das atividades, MRA 2014

Constatou-se a necessidade de adoção de medidas preventivas como a instalação de tapumes de maderites ao longo de toda a fachada do museu, para que os transeuntes das proximidades não fossem atingidos por eventuais desprendimentos de elementos arquitetônicos decorativos do prédio. (Figura 10).



Figura 10: Fachada com madeirites para proteção e segurança.

Fonte: relatório de restauro 2014.

Neste sentido, também foram apontadas a necessidade de recomposição desses elementos decorativos, além da necessária recuperação de janelas e portas desgastadas pela ação das intempéries. Outro ponto de atenção seria a requalificação dos calçamentos de acesso ao museu, em pedra portuguesa, bem como a pintura de paredes e eliminação de pontos de infiltração, conforme apontam figuras 11,12 e 13.



Figura 11 : Desgaste para fissuras na parte estrutural -2013.

Fonte: relatório setorial MRA



Figura 12: Desgaste de elementos decorativos 2013.

Fonte:relatório setorial MRA



Figura 13: Detalhe de desgaste estrutural 2013.

Fonte: relatório setorial.

3.2 CONDIÇÕES FÍSICAS DA FACHADA

O relatório retrata o trabalho realizado na parte interna e externa da edificação em 2012, nesta pesquisa venho abordar apenas a fachada do prédio e suas condições nos dias atuais, precisamente em 2017.

Ao longo de todo o trabalho foi observado que o prédio apesar de se manter em bom estado de conservação é possível notar algumas patologias causadas por agentes de degradação. Portas em madeira com mofo causado pela grande quantidade de chuvas que incide sobre a cidade de Feira de Santana, embora isso

pudesse ser evitado se utilizassem os materiais corretos para impermeabilização das mesmas na última reforma. Nas figuras 14,15 e16 evidenciam as manchas acinzentadas das áreas afetadas como o mofo.



Figura 14: Janelas da fachada do prédio da antiga escola normal.

Foto: Odenor Siqueira 07/2017.



Figura 15: Imagem aproximada da janela da fachada do prédio da antiga escola normal.

Foto: Odenor Siqueira 07/2017.

De acordo com o IPHAN, no Manual de Conservação Preventiva para Edificações (p111), afirma que a madeira é um dos materiais mais antigos de utilização nas construções. Encontramos referências sobre o seu emprego nas edificações desde a pré-história, quando este material começou a ser utilizado nas cabanas. No início, da forma em que se encontrava na natureza, só posteriormente urge uma maior preocupação com o acabamento, passando está a ser aparelhada.

Nem todas as espécies vegetais são próprias para a construção. Devido à suas características mecânicas (resistência à tração, flexão e compressão), à boa trabalhabilidade e ao fato de ser bom isolante térmico, a madeira é amplamente utilizada na construção civil, em fundações, pilares, estruturas de telhado, revestimentos, esquadrias e como material de acabamento.



Figura 16: Janela da fachada do prédio da antiga escola normal.

Foto: Odenor Siqueira 07/2017

O manual de conservação (p.112). diz também que, apesar de todas as qualidades da madeira não podemos esquecer que esta é facilmente combustível, que colocada em contato com a água pode apodrecer e que está sujeita ao ataque de insetos, fungos e outros animais, possivelmente visível nas imagens anteriores das janelas da fachada do prédio. Acredito que a obra de restauro tenha sido executada e fiscalizada por bons gestores, mais infelizmente, os materiais utilizados ou execução deixou falhas que podem no futuro vir a causar grandes problemas de degradação.

No que se refere a reforma do prédio, a parte externa passou por um minucioso trabalho de intervenção com a substituição de reboco ao longo de sua fachada, praticamente a totalidade da camada inferior das paredes foi substituída conforme as figuras 17 e 18. Outro aspecto de importância foi a retirada e substituição da tubulação interna de escoamento das calhas, sobrepostas nas paredes do prédio,

uma vez que tais peças eram compostas em metal e com a ação do tempo e das intempéries oxidaram-se, causando permanentes infiltrações nas paredes.



Figura 17: Imagem da fachada na reforma de 2013 podemos.

Observar o reboco atual após a retirada das argamassas e tijolos aparentes
Fonte: Relatório setorial 2014



Figura 18: Imagem da fachada na reforma de 2013 podemos observar a retirada para reposição das argamassas.

Fonte: Relatório setorial 2014

Como a fachada analisada neste trabalho está inserida no mesmo contexto de reformas e restauros não poderia passar despercebido o pavilhão anexo, com janelas deterioradas e com a mesma patologia causada por fungos¹⁴, das demais janelas da fachada da Escola Normal. (Figura 19 e 20)



Figura 19: Janela da fachada do pavilhão anexo prédio da antiga escola normal.

Foto: Odenor Siqueira 07/2017

¹⁴ Organismos vegetais que não possuem clorofila, seus talos (micélios) são compostos de células entrelaçadas (hifas) que formam um emaranhado com aspecto de algodão.



Figura 20: Janela da fachada do pavilhão dr. Pedreira franco anexo prédio da Antiga escola normal.

Foto: Odenor Siqueira 07/2017

...É importante que seja retirada uma amostra de material para identificação precisa do agente causador do dano, o que facilitará a escolha do procedimento mais adequado. Como o ataque de fungos e bactérias está diretamente relacionado com a umidade, é imprescindível que o problema seja sanado para garantir que os procedimentos sejam eficazes... (CLARICE FUTURO MÜHLBAUER ,2004,p.33)

Depois de dois anos de reabertura ao público o pavimento central onde está localizado museu se mantém em bom estado, com medidas de conservação preventiva. O fato da gestão está sendo realizada por um profissional da área de Museologia já nos permite ter esperanças no processo de conservação deste bem importante para o povo feirense.

O Prédio possui gradis na parte superior da cúpula, nas aberturas de ventilação do porão, nas bandeiras das portas e janelas escotilhas e grades de proteção lateral com portões de ferro, foi observado que estão também em bom estado e sem marcas de desgaste por ferrugem. (FIGURAS 21, 22 , 23 e 24)



Figura 21: Imagem do gradil de ventilação do porão da antiga escola normal.

Foto: Odenor Siqueira 07/2017



Figura 22: Imagem do gradil de ventilação do porão da antiga escola normal.

Foto: Odenor Siqueira 07/2017

Como citado no capítulo primeiro, a utilização do ferro na arquitetura eclética está evidenciada na fachada do prédio do Museu Regional de Arte de Feira de Santana. Segundo Leandro Surya C de O Silva (2006), em sua pesquisa sobre tratamento de artefatos em ferro, relata que, um dos efeitos mais comuns que o ferro apresenta é a corrosão, caracterizado pelo desprendimento de uma espécie de pó alaranjado [FeO(OH)] que se espalha facilmente onde esteja depositado. Em solos úmidos aerados este tipo de concreção torna-se uma massa amorfa de coloração marrom agregando areia e cascalhos.



Figura 23: Portão de acesso lateral esquerda do prédio.

Foto: Odenor Siqueira 07/2017



Figura 24: Guarda corpo da escada de acesso aos fundos do prédio.

Foto: Odenor Siqueira 07/2017

Os elementos decorativos feitos com molde de alvenaria também estão em perfeito estado, apesar de antes da reforma ser necessário a retirada de alguns e refazer moldes, medida tomada para prevenir que pedaços desses elementos se desprendessem e atingissem as pessoas que passassem sobre a calçada, as figuras de 25 a 31 mostram esses elementos.



Figura 25: Placa decorativa molde em formas de folhas e flor central.

Foto: Odenor Siqueira



Figura 26: Pináculo na extremidade do prédio e calhas em alvenaria com frisos

Foto: Odenor Siqueira 07/2017



Figura 27: Adorno em alvenaria localizados abaixo das esquadrias.

Foto: Odenor Siqueira 07/2017



Figura 28: Vista da porta de entrada com aplique em madeira talhada e pintura esmalte sintético.

Foto: Odenor Siqueira 07/2017



Figura 29: Estatua decorativa de entrada com representatividade desconhecida.

Foto: Odenor Siqueira 07/2017



Figura 30: Adorno ao lado da balastrada localizado na parte superior do prédio.

Foto : Odenor Siqueira 07/2017

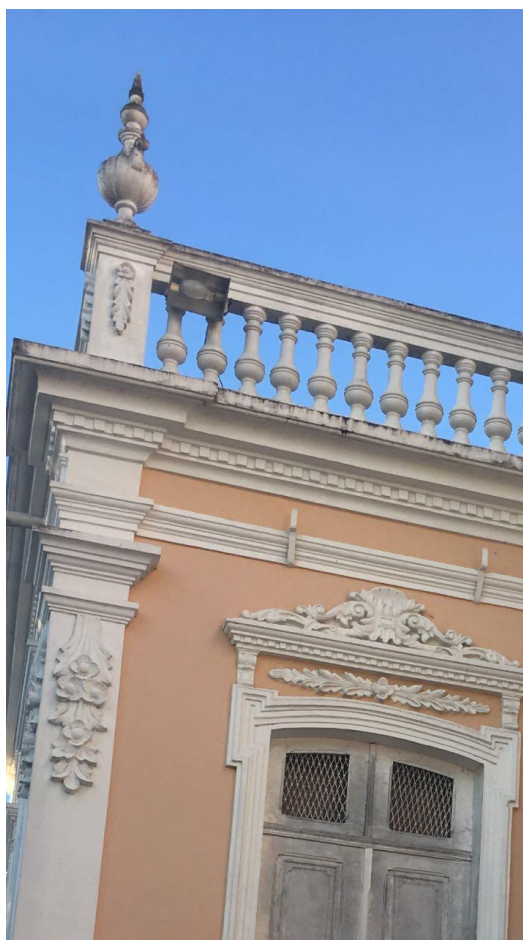


Figura 31 : vista para o guarda corpo superior em alvenaria e balaústres.

Foto: Odenor Siqueira 07/2017

Outro ponto preocupante no quadro geral do museu, abordado no relatório se foi a infestação dos espaços e estruturas por insetos xilófagos¹⁵. Por se tratar de uma construção antiga, em que a madeira é um dos principais elementos constitutivos, identificam-se, em diferentes pontos, inconvenientes advindos com os ataques desta praga. Entre os mais evidentes, está a colonização das placas em madeira comum utilizadas por toda a extensão interna do museu com as funções de:

- 1) impedir a entrada de iluminação natural;
- 2) reforçar a segurança através da isolação de portas e janelas e

¹⁵ XILÓFAGO :Que habitualmente rói a madeira, referindo-se a insetos e outros animais. (Bedetti,2011)

3) ampliar a superfície expositiva

A edificação possui também alguns vitrais¹⁶ localizados nas janelas frontais que graças a essas reformas não foram destruídos, exceto o pavilhão Dr.Pedreira Franco.(FIGURA 32).

Figura 32: foto retirada na parte interna do prédio com visão para cúpula central em destaque os vitrais das janelas escotilhas.



Figura 32: foto retirada na parte interna do prédio com visão para cúpula central em destaque os vitrais das janelas escotilhas.

Foto : Odenor Siqueira 07/2017

¹⁶ VITRAL: (do francês *vitrail*) é um tipo de vidraça composta por pedaços de vidro coloridos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Arquitetura é parte de um povo, Discute -se muito nos dias atuais a necessidade de preservação do Patrimônio Cultural, valorização do passado e memória coletiva das cidades; não só na arquitetura, mas em diversas áreas do conhecimento humano. O Patrimônio Arquitetônico representa uma produção simbólica e material, carregada de diferentes valores e capaz de expressar as experiências sociais de uma sociedade.

Mas, com o rápido e desordenado crescimento das cidades brasileiras, com uma progressiva perda e descaracterização do Patrimônio Histórico, nos faz refletir acerca da constante necessidade de transformação dos espaços urbanos, paralelo às implicações referentes à qualidade ambiental e preservação do patrimônio construído.

As reformas realizadas como sendo medida de conservação preventiva, não foi o melhor caminho traçado até então, baseado no olhar da conservação preventiva se faz necessário assumir medidas de prevenção e não intervenção, o que ocorre é que a conservação do imóvel, não é contínua, colocando assim em risco a vida útil dos materiais que compõem a estrutura da edificação.

Em seguimento, nossas cidades não são locais onde apenas se ganha dinheiro, não se resumem em ser apenas dormitório para seus habitantes. Nela vivem seres humanos que possuem memória própria e são parte integrante da nossa história. Por esse motivo, não passa despercebido pelos habitantes das cidades à destruição da casa de seus antepassados, de antigos cinemas, bares, teatros e outros prédios históricos. É necessário preservá-los, não só, para os turistas tirarem fotos ou para mostrar aos nossos filhos e netos, mas também, para que as gerações futuras possam sentir “in loco” a visão de uma cidade humana e como se vive nela. De maneira clara, é possível notar que Feira de Santana não foi preparada para manter histórias, talvez por se tratar de uma cidade caracterizada pelo comércio,

talvez as autoridades não tenham se importado de maneira a priorizar essas edificações, ou outros motivos tantos, que não saberei definir, mais o que ressaltamos, talvez esteja no pensamento coletivo a respeito desta cidade e seus patrimônios culturais. O homem se volta para a busca de seu passado, de suas memórias. Essa busca, vem do anseio de uma civilização dominada pela técnica que deseja voltar seus olhos para o passado.

Foi possível, entender o processo de conservação que os edifícios tombados da cidade de Feira de Santana estão sujeitos, especificamente a edificação que abriga o Museu Regional de Arte-MRA, essas edificações precisam de atenção, cuidado e zelo constante, para se manter viva a imagem do passado. Concluímos este trabalho, com a afirmação relevante, que a arquitetura da antiga escola normal de Feira de Santana e hoje museu regional de arte- MRA, é fonte de memória para a cidade, sua fachada com seus detalhes arquitetônicos estão inseridos no contexto da rua Conselheiro franco ,como ponto de referência para a cultura do povo feirense, por esse motivo referenciando aos estudos sobre conservação e memória que o prédio se estabelece como uma instituição de caráter histórico, como fonte de memória.

ANEXOS

Figura 1:Parte superior da porta fachada- bandeira.



Foto : Odenor Siqueira 07/2017

Figura 2: Piso da parte interna em madeira e desenhos restaurados em 2013.



Foto : Odenor Siqueira 07/2017

Figura 3: Vista para o porão



Foto : Odenor Siqueira 07/2017

Figura 4: calçada original

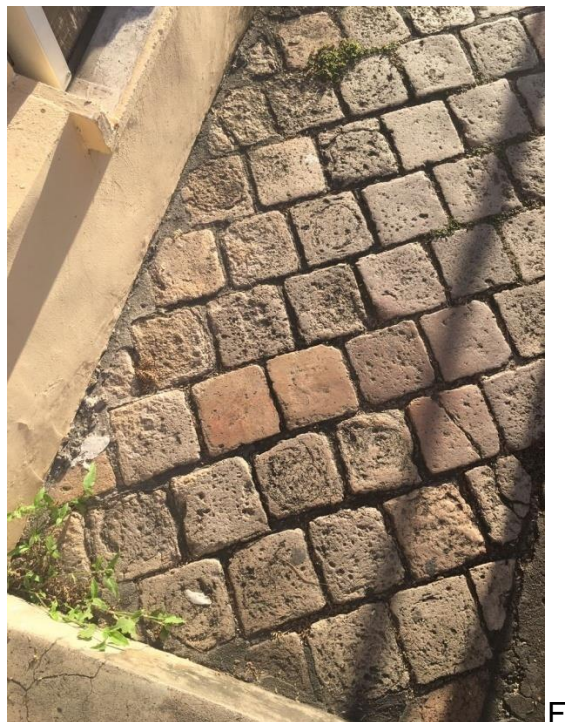


Foto : Odenor Siqueira 07/20

FIGURA 6: foto do jornal que está exposto no painel do museu regional de arte de Feira de Santana-ba



Foto : Odenor Siqueira 07/2017

Figura 7 :foto atual da conselheiro franco, que do lado esquerdo da foto é possível ver prédio da antiga escola normal.



Foto : Odenor Siqueira 07/2017

Figura 8: Escada de acesso ao museu em mármore.



Foto : Odenor Siqueira 07/2017

Figura 9: Placas instaladas na fachada.







Foto : Odenor Siqueira 07/2017

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAGALHÃES, Antônio, OLIVEIRA, Clóvis F. Ramaiana.M e SILVA, Aldo José Moraes. **A história nas lentes: Feira de Santana pelo olhar do fotografo Antônio Magalhães.** Feira de Santana: UEFS 2009

CRUZ, Neide Almeida . **A escola normal de Feira de Santana (I. E. G. G.).** Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana, a. IV, n. 4, p. 153-160, 2007

ARAÚJO, Fátima Maria Leitão. **Educação rural e formação de professores no Brasil: gênese de uma experiência pioneira.** Cadernos de História da Educação. v. 10, n. 2, julho/dez, p. 237-255, 2011

Livro de Ata da Congregação da Escola Normal de Feira de Santana, Ata da Inauguração. (01.06.1927, p.01- 02)

HALBWACHS, Maurice. **Fragments da la Memoria Coletctiva,**1991

RAMAINA, Clóvis Frederico, “**Canções da cidade Amanhecete**”: urbanização, memórias e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960. Tese de Doutorado ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História, sob a orientação da Profa. Dra. Márcia de Melo Martins Kuyumjian.

PEDONE, Jaqueline Viel Coberlon, **Espirito eclético na arquitetura,**2005

BEDETTI, Henrique Rocha. **A Importância da conservação preventiva face a preservação do meio ambiente ,** 2011)

CARVALHO, Marcelo Dias. **Conceito de conservação**, disponível em <http://magisterandre.blogspot.com.br/2014/08/conservacaopreventiva>. Acessado em:06/2017

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996

BOAVENTURA, Eurico Alves. **Canção da cidade Amanhecendo**. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia (org.) Poesias. Salvador: EGBA, 1990, p. 48.

MALTEZ, Soraya Carvalho Lima, **Registro das Transformações do Prédio da rua Conselheiro Franco 66**, apresentada ao curso de Desenho, registro e Memória Visual da Universidade Estadual de Feira de Santana –UEFS

SOUZA, Celeste, **“Garotas tricolores, deusas fardadas: as normalistas em Feira de Santana, 1925 a 1945**.

FONTES IMPRESSAS

JORNAL FOLHA DO NORTE. **A Escola Normal de Feira de Santana já está oficialmente localizada**, Feira de Santana, nº 859, 03 de fevereiro de 1926.

JORNAL FOLHA DO NORTE. As **Escolas complementares do "Grupo Escolar Dr. J. J. Seabra" e o destino dos seus regentes**, Feira de Santana, nº 873, 03 de abril de 1926.

JORNAL FOLHA DO NORTE. **Escola Normal**, Feira de Santana, nº 955, 05 de novembro de 1927.

JORNAL FOLHA DO NORTE. **Escola Normal de Feira de Santana**. Feira de Santana, nº 958, 26 de novembro de 1927.

JORNAL FOLHA DO NORTE. **Escola Normal de Feira**, Feira de Santana, nº 960, 10 de dezembro de 1927.

JORNAL FOLHA DO NORTE. **Escola Normal de Feira: 3 de maio**, Feira de Santana, nº 982, 12 de maio de 1928.

JORNAL FOLHA DO NORTE. **Escola Normal de Feira de Santana**, Feira de Santana, nº 983, 19 de maio de 1928.

JORNAL FOLHA DO NORTE. **Escola Normal de Feira de Santana**, nº1049, 24 de agosto.

JORNAL FOLHA DO NORTE. **A Semana Ruralista e a Inauguração Solene da Escola Normal Rural de Feira**, Feira de Santana, nº 1341, 30 de março de 1935.

JORNAL FOLHA DO NORTE. **A História da Escola Normal** - Texto de Manoel Ferreira d'Eça, Feira de Santana (cópia do jornal s/ data).

JORNAL FOLHA DO NORTE. **Iniciada às aulas na Faculdade de Educação**, Feira de Santana, nº 3102, 28 de setembro de 1968.

JORNAL FOLHA DO NORTE. **Fundação Universidade de Feira de Santana**, Feira de Santana, nº 3358, 08 de setembro de 1973.

JORNAL FOLHA DO NORTE. **A Universidade tem suas primeiras unidades
construídas**, Feira de Santana, nº 3418, 02 de novembro de 1974.